



TRACY CHEVALIER

Autora do inesquecível Moça com Brinco de Pérola

O AZUL DA VIRGEM

BB
BERTRAND BRASIL

Tracy Chevalier



O AZUL DA VIRGEM

Tradução BEATRIZ HORTA

BERTRAND BRASIL
2007

Para Jonathan

Da mesma forma que o amarelo tem sempre luz, pode-se dizer que o azul tem um toque de escuridão. Essa cor causa um efeito peculiar e

quase indescritível nos olhos. Como cor, ela é poderosa, mas em seu lado negativo e em sua pureza mais completa há, digamos, uma negação estimulante. Sua aparência, então, é uma espécie de contradição entre agitação e repouso.

Goethe, Teoria das cores

SUMÁRIO

1. A virgem
2. O sonho
3. A fuga
4. A procura
5. Os segredos
6. A Bíblia
7. O vestido
8. A fazenda
9. A chaminé
10. A volta

EPÍLOGO

NOTAS HISTÓRICAS	349
AGRADECIMENTOS	351

1 A VIRGEM



Ela se chamava Isabelle e, quando menina, seus — cabelos mudaram de cor com a mesma rapidez que um pássaro troca a plumagem para atrair a companheira.

Naquele verão, o Duque de l'Aigle trouxe de Paris uma estátua da Virgem com Menino e um pote de tinta para pintar o nicho em cima da porta da igreja. No dia em que a estátua foi instalada, houve festa na aldeia. Isabelle sentou-se no alto de uma escada para ver Jean Tournier pintar o nicho de azul intenso, a mesma cor do límpido céu vespertino. Quando terminou, o sol surgiu por trás de uma parede de nuvens e iluminou o azul com tal intensidade que Isabelle pôs as mãos na nuca e apertou os braços contra o peito. Os raios chegaram até ela e tocaram seus cabelos com uma aura de cobre que permaneceu neles mesmo depois de o sol ter ido embora. A partir desse dia, ela passou a ser chamada de *La Rousse* (Ruiva), por causa da Virgem Maria.

O apelido perdeu seu tom afetoso alguns anos depois, quando Monsieur Marcel chegou à aldeia com as mãos manchadas de tanino do vinho e palavras emprestadas de Calvino. No primeiro sermão que fez no bosque, fora das vistas do capelão da aldeia, ele disse aos ouvintes que a

Virgem estava impedindo que chegassem à Verdade.

— *La Rousse* foi maculada por causa das estátuas, das velas, dos enfeites. Ela está contaminada! Ela se põe entre vocês e Deus! — exclamou ele.

Os aldeões viraram-se para olhar Isabelle, que apertou o braço da mãe.

Como ele pode saber?, pensou ela. Só *Maman* sabe.

A mãe não iria dizer a Monsieur Marcel que Isabelle havia menstruado pela primeira vez naquele dia e agora estava com um pano áspero preso entre as pernas e uma dor na barriga do tamanho de um travesseiro. A mãe chamava aquilo de *les fleurs*, flores especiais enviadas por Deus, uma dádiva que ela não podia comentar porque a discriminariam. Olhou para a mãe, que franziu o cenho para Monsieur Mareei e abriu a boca como se fosse falar. Isabelle apertou o braço dela outra vez e mamãe tornou a fechar a boca, comprimindo-a.

Depois, Isabelle voltou para casa entre a mãe e a irmã Marie; os irmãos gêmeos vieram atrás, mais devagar. No começo, as outras crianças da aldeia seguiram-nos, cochichando. Até que, cheio de curiosidade, um menino correu e pegou uma mecha de cabelos de Isabelle.

— Ouviu o que ele disse, *La Rousse*? Você está suja! — gritou.

Isabelle soltou um grito. Petit Henri e Gérard pularam para defendê-la, satisfeitos por serem úteis, enfim.

No dia seguinte, Isabelle passou a usar uma touca; cada mecha castanho-avermelhada foi enrolada e escondida muito antes de as meninas da idade dela usarem essa peça de roupa.

Quando Isabelle estava com catorze anos, dois ciprestes cresciam num ensolarado terreno perto da casa. Para plantar um de cada, Petit Henri e Gérard tiveram de procurar mudas em Barre-les-Cévennes, que ficava a dois dias de caminhada. A primeira árvore foi plantada em intenção de Marie. Sua barriga estava tão grande que todas as aldeãs diziam que deviam ser gêmeos, mas *Maman* apalpou com a mão e sentiu só uma cabeça, embora grande. *Maman* ficou preocupada com o tamanho da cabeça.

— Se fossem gêmeos, seria mais fácil — murmurou para Isabelle.

Quando chegou a hora, *Maman* mandou todos os homens saírem: marido, pai, irmãos. Era uma noite muito fria, um vento forte soprava flocos de neve na casa, nos muros de pedra, nas moitas de centeio morto. Os homens foram saindo devagar de perto da lareira até ouvirem os primeiros gritos de Marie: eram homens fortes, acostumados com o guincho dos porcos sendo sacrificados, mas o tom humano fez com que andassem depressa.

Isabelle já havia ajudado a mãe a fazer partos, mas sempre com outras mulheres de visita para cantar e contar histórias. Naquela noite, o frio obrigou-as a ficar longe; Isabelle e *Maman* estavam sós. Ela olhou para a irmã, imóvel sob

uma barriga enorme, tremendo de frio, suando e gritando. O rosto da mãe estava tenso e ansioso, ela falava pouco.

Durante a noite, Isabelle segurou a mão de Marie, apertou-a nas contrações e secou a testa dela com um pano úmido. Rezou em sua intenção, em silêncio pediu à Virgem e à Santa Margarida que protegessem a irmã, sempre se sentindo culpada: Monsieur Marcel dissera a todos que a Virgem e os santos não tinham poder e não deviam ser invocados.

Naquele momento, nenhuma palavra dele a confortava. Só as velhas orações faziam sentido.

— A cabeça é grande demais, temos de dar um corte — disse *Maman*, por fim.

— *Non, Maman* — Marie e Isabelle sussurraram em unísono. Os olhos de Marie estavam perturbados e dilatados. Desesperada, ela começou a fazer força outra vez, chorando, ofegante. Isabelle ouviu a carne se abrindo; Marie se encolheu antes de ficar fraca e cinzenta. A cabeça da criança apareceu num rio de sangue, negra e malformada, e, quando *Maman* puxou, o bebê já estava morto, com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Era uma menina.

Os homens voltaram para casa de manhã, quando viram subir da lareira a fumaça de palha encharcada de sangue.

Enterraram mãe e filha num lugar ensolarado, onde Marie gostava de sentar-se quando fazia calor. O cipreste foi plantado em cima do coração dela.

O sangue deixou um traço leve no chão, que nem todas as vassouras e escovas conseguiram tirar.

A segunda árvore foi plantada no verão seguinte. Era o entardecer, a hora dos lobos, quando mulher alguma podia andar sozinha. *Maman* e Isabelle foram fazer um parto em Felgérrolles. A mãe e o bebê sobreviveram, interrompendo uma longa série de mortes que haviam começado com Marie e a filha. Naquela tarde, elas demoraram mais tempo, dando mais conforto à mãe e ao bebê, ouvindo as outras mulheres cantarem e conversarem, de forma que o sol já havia mergulhado atrás do monte Lozère, quando *Maman* deixou de lado as recomendações para ficar, recusou os convites para passar a noite na casa e as duas voltaram.

O lobo estava bem no caminho, como se à espera delas. As duas pararam, puseram suas sacolas no chão, benzeram-se. O lobo ficou imóvel. Elas o olharam por um instante, *Maman* pegou a sacola e deu um passo à frente. O lobo não se mexeu e, apesar do escuro, Isabelle viu que ele era magro, de pêlo cinza e sarnento. Os olhos tinham um brilho amarelo, como se houvesse uma vela dentro deles, e o animal andava de um jeito desengonçado e manco. Só quando chegou tão perto que *Maman* quase conseguia tocar em seu pêlo cinza, Isabelle viu que a boca do lobo espumava, e entendeu. Todo mundo já tinha visto um animal contaminado com raiva, cães andando a esmo, a boca tomada de espuma, o olhar diferente e vil, um latido

amortecido. Não bebem água, e a melhor proteção contra eles, além de um machado, era um balde com muita água. *Maman* e Isabelle só tinham ervas, um pano de linho e uma faca.

Quando o lobo saltou, *Maman* levantou o braço por instinto, o que lhe deu mais vinte dias de vida, mas depois a fez desejar que ele tivesse rasgado seu pescoço logo, por piedade. Quando ele recuou e o sangue escorreu pelo braço dela, o lobo olhou de relance para Isabelle e sumiu no escuro sem emitir um som sequer.

Maman contou ao marido e aos filhos sobre o lobo que tinha velas nos olhos, enquanto Isabelle limpava a mordida com água fervida com folhas de bolsa-de-pastor, estendia uma teia de aranha por cima e amarrava o braço com uma tira de lã macia. *Maman* não ficou quieta, insistiu em colher ameixas e trabalhar na horta, como se não tivesse visto a verdade brilhando nos olhos do animal. No dia seguinte, o braço dela inchou tanto, que ficou do mesmo tamanho do antebraço e a pele escureceu em volta do machucado. Isabelle preparou uma omelete, acrescentou alecrim e sálvia e rezou uma prece em silêncio. Quando levou para a mãe, chorou. *Maman* pegou o prato com a omelete e comeu tudo, calma, de olhos na filha, sentindo o gosto da morte na sálvia.

Quinze dias depois, mamãe estava bebendo água quando sua garganta começou a contrair em espasmos, espirrando água na frente do vestido. Olhou a mancha negra se espalhar pelo

peito, depois se sentou no banco ao lado da porta, sob o sol de fim de verão.

A febre veio em seguida, tão forte que Isabelle rezou para que a morte também viesse depressa para aliviá-la. Mas *Maman* lutou, suando e gritando em seu delírio durante quatro dias. No último, quando o padre de Le Pont de Montvert chegou para realizar os últimos rituais, Isabelle pôs uma vassoura atravessada na porta e cuspiu nela até ele ir embora. Só quando Monsieur Mareei chegou, ela tirou a vassoura e deu passagem para ele entrar.

Quatro dias depois, os gêmeos voltaram carregando o segundo cipreste.

A multidão reunida na frente da igreja não estava acostumada a vitórias, e nem com a forma de celebrá-las. Finalmente, o padre tinha sumido há três dias. Agora não havia mais dúvida de que ele tinha ido embora, pois o lenhador Pierre La Forêt o vira a quilômetros de distância, com toda a tralha que tinha conseguido carregar empilhada às costas.

A neve do início de inverno cobriu as partes lisas do terreno com uma gaze fina e, em alguns pontos, ficou manchada de folhas e pedras esparsas. Ainda ia cair mais neve, pois o céu ao norte estava cor-de-estanho, lá depois do cume do monte Lozère. Via-se uma camada branca sobre as grossas telhas de granito da igreja. O templo estava vazio. Nenhuma missa havia sido rezada lá desde a colheita: a freqüência de fiéis tinha caído depois que Monsieur Marcel e seus seguidores tornaram-se mais confiantes.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

